UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ - UNOCHAPECÓ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
EDUCAÇÃO, PROTEÇÃO DE DIREITOS E TRABALHO EM REDE
ESPECIALIZAÇÃO UNIEDU/FUMDES

JUSSARA APAREDIDA BRAVO

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE PROTEÇÃO E PRODUÇÃO DE RELAÇÕES ÉTICAS: FRENTE AO BULLYING, AO ÓDIO E AS DIFERENÇAS

Chapecó - 2018.

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE PROTEÇÃO E PRODUÇÃO DE RELAÇÕES ÉTICAS: FRENTE AO *BULLYING*, AO ÓDIO E AS DIFERENÇAS

THE SCHOOL AS A SPACE FOR THE PROTECTION AND PRODUCTION OF ETHICAL RELATIONSHIPS: AGAINST BULLYING, HATE AND DIFFERENCES

LA ESCUELA COMO ESPACIO DE PROTECCIÓN Y PRODUCCIÓN DE RELACIONES ÉTICAS: FRENTE AL BULLYING, AL ÓDIO Y LAS DIFERENCIAS

Jussara Bravo[*]

Murilo Cavagnoli[**]

Resumo

Este artigo apresenta proposta de pesquisa-intervenção institucional (ROCHA, 2006) em vista da demanda gerada pela existência do *bullying*, da violência no contexto escolar e de dificuldade no desenvolvimento de relações éticas. Foram lançados mão da observação participante e da construção de espaços dialógicos, envolvendo os jovens neste processo de análise dos sentidos das formas de violência associadas ao *bullying* no contexto escolar, considerando a produção de vetores de subjetivação que permitam a singularização de uma experiência de cuidado gestada no coletivo. A análise emergiu pela experiência de uma das autoras, que atua junto a estudantes em programa federal de jovens aprendizes. Nesse contato se percebeu que é alto o índice de violência e desrespeito entre os atores no contexto escolar. Para tanto, entendemos que um espaço onde a violência se transforma em um ambiente hostil e desinteressante para o aprendizado. Pretendemos, então, potencializar a escola como espaço de proteção e produção de relações éticas e oferecer reflexões que ampliem a análise do *bullying* ao camporelacional e institucional que perpassa a produção de subjetividades.

Palavras-chave: Pesquisa-intervenção. *Bullying*. Contexto escolar.

Abstract

This article presents a proposal of research-intervention institutional (ROCHA, 2006) in view of the demand generated by the existence of bullying, violence in the school context and difficulties in the development of ethical relationships. They were launched from the participant observation and the construction of dialogical spaces, involving young people in

[*] Estudante do **CURSO DIRECIONADO DE ESPECIALIZAÇÃO UNIEDU/FUMDES EM EDUCAÇÃO, PROTEÇÃO DE DIREITOS E TRABALHO EM REDE**, Bolsista UNIEDU/FUMDES, promovido pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). *E-mail*: <jussarabdaga@hotmail.com>.

[**] Doutor em Psicologia (UFSC), professor na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). *E-mail*: <murilocavagnoli@unochapeco.edu.br>.

this process of analysis of the senses of the forms of violence associated with Bullying in the school context, considering the production of vectors of subjectivation that allow the singularization of a care experience created in the collective. The analysis emerged from the experience of one of the authors, who works with students in the federal program of young learners. This contact made the high level of violence and disrespect among the actors in the school context. Therefore we understand that in a space where exist violence, it turns into a hostile and uninteresting environment for learning. We intend, therefore, to strengthen the school as a space for protection and production of ethical relationships and offer reflections that amplify the analysis of bullying to the camporelacional and institutional that goes through the production of subjectivities.

Keywords: Intervention research. Bullying. School context.

Resumen

Este artículo presenta una propuesta de investigación-intervención institucional (ROCHA, 2006) a la vista de la demanda generada por la existencia del bullying, de la violencia en el contexto escolar y de dificultad en el desarrollo de relaciones éticas. En este proceso de análisis de los sentidos de las formas de violencia asociadas al bullying en el contexto escolar, considerando la producción de vectores de subjetivación que permitan la singularización de una experiencia de cuidado gestada en el contexto escolar, colectiva. El análisis surgió por la experiencia de una de las autoras, que trabaja con estudiantes en el programa federal de jóvenes aprendices. Este contacto hizo percibir que es alto el índice de violencia y falta de respeto entre los actores en el contexto escolar. Para tanto entendemos que en un espacio donde hay violencia, lo transforma en un ambiente hostil y desinteresado para el aprendizaje. Pretendemos entonces potenciar la escuela como espacio de protección y producción de relaciones éticas y ofrecer reflexiones que amplíen el análisis del bullying al camporelacional e institucional que atraviesa la producción de subjetividades.

Palabras claves: Investigación-intervención. Bullying. Contexto escolar.

Introdução

Este artigo apresenta proposta de intervenção institucional (ROCHA, 2006) em vista da demanda gerada pela existência do *bullying*, da violência no contexto escolar e de dificuldade no desenvolvimento de relações éticas. A proposta emergiu pela experiência de um dos autores, que trabalha com estudantes no programa federal de jovens aprendizes, Instituto Brasileiro de Educação, Trabalho e Desenvolvimento (ISBET), juntos a uma empresa. Estes jovens também são alunos de uma escola estadual localizada em uma cidade do oeste de Santa Catarina. O desafio lançado a eles é trabalhar as questões éticas nas relações, no contexto escolar, para tornar perceptíveis as formas pelas quais cada um torna-se

expressão das instituições a que pertencemos. Busca-se valorizar as potencialidades existentes no espaço escolar e outros espaços coletivos.

Para tanto, não há como pensar na escola como sendo uma instituição separada da sociedade na qual ela está inserida. O que acontece no ambiente escolar é mais que uma semelhança a situações sociais mais amplas, pois a escola é agenciada ao campo social como um todo. Neste espaço se expressam muitas vezes as violências, marcadas pela incapacidade de cuidar de si e do outro em uma relação que conduza a encontros éticos com a alteridade. No cotidiano escolar, uma das práticas de violência mais comum é o *bullying*.

Compreendemos que a violência não é exclusivamente originada no indivíduo que sofre ou naquele que pratica, mas sim resultado das relações, das suas vivências e de suas experiências (BONAMIGO, 2008). No contexto escolar, a violência caracterizada como *bullying* gera comprometimento no processo ensino-aprendizado que é proposto nesse espaço, bem como, é mobilizadora de sofrimento que se produz nos atores que compartilham esse mesmo espaço (KOLLER; NARVAZ, 2018).

Em função de tais demandas, o texto apresenta possibilidades de intervenção institucional dirigida ao tema: A escola como espaço de proteção e produção de relações éticas: frente ao *bullying*, ao ódio e as diferenças. Busca-se a oportunidade de que, no contexto escolar, adolescentes possam constituir grupos de atores em experiências coletivas direcionadas a problematizar a questão, gerar visibilidade a ela e produzir estratégias de constituição de relações mais éticas. A proposta considera ainda a possibilidade de que tais jovens atuem como multiplicadores, promovendo a discussão das formas de relação com a alteridade no contexto escolar e desenvolvendo formas de construir relacionamentos e mediar conflitos, considerando a dificuldade no estabelecimento de relações de reciprocidade, e solicitude.

Este projeto é proposto pela professora/instrutora do curso de jovens aprendizes do ISBET[1]. Os jovens para os quais a pesquisa-intervenção se dirige são alunos do Programa Jovem Aprendiz, de âmbito nacional, que respeita a Lei de Aprendizagem n. 10.097/2000, regulamentada pelo Decreto n. 5.598/2005. É um programa que traz enormes benefícios, pois é difícil encontrar oportunidades no mercado profissional, porque, além de serem estudantes sem formação profissional, são ainda inexperientes.

[1] Este projeto de intervenção foi elaborado em exercício da disciplina Cidadania no decorrer do curso de jovens aprendizes juntamente ao ISBET, e em diálogo com a pós-graduação: Educação, Proteção de Direitos e Trabalho em Rede. A pesquisa foi financiada pela FUNDES/UNIEDU – Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina em forma de especialização direcionada *lato sensu*.

Nesse contexto, o ISBET atua visando à colocação desses jovens no mercado de trabalho, por meio de desenvolvimento na "formação técnico-profissional qualificada e efetividade social" (ISBET, 2018, p. 3).

Esta discussão, neste contexto, se justifica em virtude das escolas terem dificuldades em problematizar e intervir sobre as violências de modo em geral. Como mostra Freitas (2015), quando se fala nos desafios que nossa sociedade atual está enfrentando, se descobre uma mudança de valores básicos de coexistência e de sociabilidade. É como se a sociedade estivesse se adaptando a viver ou conviver com a inexistência de regras (HOBSBAWM, 1998 apud FREITAS, 2015, p. 268). Sendo assim, a astúcia de alguns processos psicossociais de naturalização da vida cotidiana pode ser identificada em exemplos atuais de exploração, sofrimento, humilhação ou mesmo admissão de formas de desvalorização, individuais ou coletivas nos mais amplos espaços, inclusive, nas escolas.

Esta pesquisa procura contribuir para o desenvolvimento integral dos jovens e adolescentes, expandindo nos participantes a percepção de problemáticas éticas e ampliando competências e habilidades como a busca por relações dialógicas com alteridade, empatia, respeito, criando formas de inclusão e a capacidade de relacionar-se com as diferenças, visando ainda ampliar a capacidade de convivência em grupos e a participação na vida comunitária. A proposta visa mobilizar os próprios jovens, eles como sendo os transmissores, multiplicadores e mediadores, de forma acessível.

O *bullying* é uma das formas de violência que ocorre nas escolas. Tognetta e Vinha (2007) discorrem que geralmente é difícil reconhecer que exista *bullying* entre as crianças e adolescentes na escola por conta dos alvos não se manifestarem ou de não reclamarem, sendo de certa forma fenômenos ocultos. Frequentemente, professores e educadores não estão atentos a esse tipo de intimidação, e, infelizmente, as atenções dos adultos que educam estão voltadas às formas de desobediência como um comportamento isolado, ou mesmo atribuindo ao desinteresse dos educandos às disciplinas da grade escolar. A instituição de modo geral está voltada apenas ao que fere o que é de todos, já que dificilmente considera que esse crescente olhar sobre o direito e o dever de todos, o que é público, começa pelo reconhecimento e respeito de si mesmo, do que é particular (TOGNETTA; VINHA, 2007, p. 4).

> Em contrapartida, há, ainda, o outro lado dessa questão: o fato de que é a tarefa da escola ajudar que seus alunos saibam do limite entre o que é público e o que é particular. Em outras palavras, é também tarefa do educador auxiliar para que

> crianças e adolescentes tenham suas intimidades e limitações respeitadas para que, em instâncias maiores, possam respeitar os outros. (TOGNETTA; VINHA, 2007, p. 6).

Dessa forma, ao incluir os próprios jovens na identificação de demandas e na condição de atores de transformações nas relações vivenciadas, resulta na construção de alternativas para contribuir na prevenção e combate à violência neste local, bem como, o de promover espaços de convivência harmoniosa e de respeito nos relacionamentos na escola entre alunos, professores e colaboradores. A partir da compreensão de que nenhuma escola é uma ilha, e que faz parte da sociedade, precisa preparar os jovens para a vida, a escola não pode ignorar a violência e deve trazer as questões do mundo para a sala de aula (KOLLER; NARVAZ, 2018).

Assim sendo, existe uma grande busca de qualidade por parte da sociedade em relação à educação. Segundo Casadore (2009), a mudança nas relações dependerá dos investimentos direcionados ao contexto escolar, do preparo aos profissionais, da estrutura e dos salários dos profissionais. O que acontece no ambiente escolar é mais que uma semelhança a situações sociais mais amplas, também é um reflexo da sociedade no seu todo perpassada pelo cuidado e pela ampliação de potência de ação da comunidade.

Por conseguinte, a escola tem um papel muito importante neste processo, para abrir espaço de mediação, sendo possível, assim, que com essa experiência a escola cumpra com seu papel, atuando sempre para que este local seja um espaço mais acolhedor e de um cotidiano mais ético conectando a discussão do *bullying* e a análise de sua presença na escola relacionada a questões mais amplas, que permitam problematizar não apenas as relações em espaços de aprendizagem, mas no campo social, como um todo.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa é de cunho qualitativa (APPOLINÁRIO, 2009), voltada à obtenção de dados em contato direto e interativo do pesquisador frente seu objeto de estudo. Neste caso, é comum o pesquisador buscar entender os fenômenos, conforme a perspectiva dos participantes, bem como da situação vivenciada, favorecendo assim uma construção de conhecimento que inclui as perspectivas locais e o encontro entre discursos diversos.

A proposta qualitativa em questão é orientada pelo viés da pesquisa-intervenção, que traz como proposta criar dispositivos de análise e transformação da vida dos grupos na sua

diversidade qualitativa, e isto significa que esta proposição investigativa tem como alvo o movimento, as rupturas que as ações individuais e coletivas produzidas no cotidiano e seus efeitos de subjetivação (ROCHA, 2006). Os processos em desenvolvimento na pesquisa-intervenção produzem permanentemente a realidade na qual cada um de nós e os diferentes grupos são um modo de expressão. Assim, para começarmos um trabalho em Análise institucional, é importante a construção de um campo de análise, ou seja, a organização de conhecimentos históricos, políticos e conjunturais acerca do campo de intervenção no qual buscamos desenvolver um processo de investigação. Isso significa que os efeitos das práticas são tomados na sua complexidade, desconstruindo dualidades, determinismos, individualizações psicologizantes, e o que ganha consistência é uma analítica dos modos de produção da existência na comunidade (ROCHA 2006).

Nessa perspectiva, partimos da análise da demanda que o próprio pesquisador cria quando oferece seus serviços, e de outras demandas já existentes no local ou que venham a surgir no desenvolvimento do trabalho. Segundo Freitas (2015), pensar a respeito das relações entre investigação e intervenção dentro das práticas comunitárias significa, também, refletir sobre os cuidados éticos que devem estar presentes quando da realização desses trabalhos. Considerando-se o contexto das relações comunitárias, pode-se dizer que emergem duas preocupações básicas:

> 1. uma, se a *investigação* deveria e poderia *conduzir a práticas* comprometidas com a construção de uma vida mais digna para as pessoas;
> 2. outra, se a *intervenção* deveria e poderia *contribuir para a produção de conhecimentos* que estivessem implicados com a mudança das condições responsáveis pela situação desumana em que as pessoas vivem. (FREITAS, 2015, p. 245).

Sendo assim, a escola neste contexto de relações cotidianas pode e deve conduzir para que haja na prática ações comprometidas no qual se entrelacem as instituições sociais distintas, sejam elas da família, sejam das práticas de ensino, das relações éticas e de cuidado. Neste processo caberá ainda na análise compreender como o fenômeno *bullying* está emaranhado à constituição de um modo de vida, e investir na constituição de uma experiência que permita produzir relações mais éticas, problematizando as práticas instituídas e abrindo outras possibilidades de potencializar as ações neste contexto, de forma coletiva.

A análise que se segue foi organizada a partir de levantamento de demandas e análise institucional através da observação participante e mobilizada principalmente por dispositivo

específico, que gerou o encontro entre adolescentes e pesquisadora. A partir do tema proposto aos alunos do curso de jovens aprendizes ISBET, percebeu-se empolgação em levar para sua escola a problematização das violências, bem como, ao fato de poderem ser protagonistas na preparação e produção do projeto de prevenção e mediação do *bullying*. Em um encontro com alunos da instituição, as ideias começaram a aparecer, as discussões também, afinal, enquanto uns opinavam, outros diziam: "*desta forma não vai adiantar, isso não adianta, não vai dar certo, e se fizéssemos assim, isso eles estão cansados de ouvir*"... Desafio aceito, passamos a elaborar distintas percepções e perspectivas sobre as violências e o *bullying* no contexto escolar. Participaram destes encontros aproximadamente doze alunos do curso de jovem aprendiz juntamente com a instrutora nas aulas semanais do programa.

A preparação da discussão com os alunos que resultou na análise de demandas envolveu a discussão de temas relacionados à ética contemporânea e ao sofrimento ético político, contextualizando o *bullying* e as violências frente à possiblidade de construção de relações com a alteridade perpassada pelo cuidado e pela ampliação de potência de ação da comunidade.

O que buscamos neste trabalho é uma proposta de pesquisa-Intervenção como sendo um dispositivo de transformação, em que, na medida em que faz a pesquisa, faz a análise e a intervenção no contexto escolar. Neste modelo, segundo Rocha (2003), não visamos à mudança imediata da ação instituída, pois a mudança é consequência da produção de outra relação entre teoria e prática, assim como entre sujeito e objeto. Portanto, a análise de como o *bullying* é significado e vivido coletivamente foi permeada pela participação dos alunos na discussão da problemática, incluindo os próprios jovens como atores nesta instituição de análise e de pesquisa.

Os próprios jovens, neste contexto, falam que é deprimente presenciar quando os colegas sofrem humilhações ou até mesmo agressões físicas em seu ambiente escolar. Declaram que gostariam que isso não acontecesse na sua escola e que gostariam de poder contribuir para um espaço de boas relações. Contudo, formular-se-ão estratégias de enfrentamentos com intervenções que terão como alvo a rede de poder e o jogo de interesses que se fazem presentes no campo da investigação, colocando em análise os efeitos das práticas no cotidiano institucional, desconstruindo territórios e facilitando a criação de novas práticas (ROCHA, 2003).

As possiblidades de intervenção frente à expressão do *bullying* no contexto escolar investigado

A partir da breve experiência de pesquisa intervenção, que mobilizou o diálogo sobre o tema *bullying* junto a estudantes da instituição na qual estudam, compreendemos a necessidade de se tratar o tema de forma complexa, incluindo em sua discussão a preocupação com a gênese de relações éticas, que promovam modos de subjetivação nos quais o cuidado com a alteridade seja uma questão central.

As discussões sobre relações éticas no espaço escolar mostram-se como importante ferramenta para ressignificar as violências e suas práticas. Compreender a constituição das subjetividades como movimento operando necessariamente em meio a relações com a alteridade, permite que o cuidado de si seja perpassado pela percepção do outro como constituinte de qualquer sujeito singular. Para Ricoeur (1990), a capacidade de desenvolver a estima de si está relacionada à abertura da solicitude. A constituição do sujeito, nesta perspectiva, é sempre perpassada pela palavra e pela presença afetiva do outro, que oferece um excedente de visão e permite a transformação das formas de pensamento e expressão, oferecendo arranjos identitários vividos como individuais, mas produzidos em relações complexas. Pode-se dizer que as relações éticas exigem que cada sujeito estime a si como outro.

À vista disso, o outro é ainda aquele que é capaz de dizer eu como mim próprio e, tal como eu, tomar-se como agente, autor e responsável pelos seus atos e também pela constituição de minha própria identidade. Se assim não for, nenhuma regra de reciprocidade será possível. Sobrevém desta forma o milagre da reciprocidade, quando as pessoas são reconhecidas como insubstituíveis umas pela outra, na própria troca. Esta reciprocidade dos insubstituíveis é o segredo da solicitude. A reciprocidade aparentemente só se completa na amizade, em que um estima o outro como si mesmo e:

> Ainda assim, a reciprocidade não exclui uma certa desigualdade, como sucede na submissão do discípulo ao mestre; a desigualdade, contudo, é reconhecida pela superioridade do mestre, reconhecimento esse que restabelece a reciprocidade. Por outro lado, a reciprocidade pode, ao invés, provir da fragilidade do outro, do seu sofrimento. (RICOEUR, 1990, p. 7).

Situa desta forma a tarefa da compaixão restabelecendo a reciprocidade, segundo Ricoeur (1990), na medida em que, pela compaixão, aquele que parece ser o único a dar

recebe mais do que dá por via da gratidão e do reconhecimento. A solicitude restabelece a igualdade precisamente aí onde ela não ocorre, como no caso da amizade entre iguais. A gênese de contextos igualitários, portanto, não é expontanea, e no contexto escolar deve passar pela relação constante com a diferença, mobilizando reflexão e reconhecimento das necessidades coletivas.

Nessa perspectiva, partimos para análise novamente de que no contexto escolar existem várias formas de violências e o *bullying* se caracteriza uma delas (ISBET, 2018, p. 139). Percebemos ainda a inexistência, no contexto investigado, de estratégias eficazes de abordar o problema. Frente a isto, percebe-se que enfrentar a questão demanda formas de incentivo à solicitude, o respeito à alteridade, pois a não mobilização de olhares que problematizem as relações pode resultar nas mais diferentes formas de violência.

Visto ao que discorremos até agora, queremos demonstrar a necessidade de que diferentes setores da escola participem de movimentos de intervenção voltados à gênese de relações éticas, de forma que se siga contemplando a criação de um espaço de discussão que permita a constituição de grupos mediados por professores e psicólogos do espaço, valorizando a participação dos atores envolvidos, e considerando-se a necessidade de aumentar a possiblidade de circulação de distintos discurso, a troca de experiências e o relato de vivência frente ao *bullying* como motivadoras da discussão sobre relações éticas e o sofrimento gerado pelas violências.

Nas escolas, são muitos os exemplos de atitudes agressivas capazes de causar sofrimento e angústia. É corriqueiro nos deparar com casos de estudantes introvertidos, intimidados pelos alunos mais fortes e desinibidos, daquela menina que é chamada de "baleia", ou do menino chamado de "rolha de poço".

> A denominação 'violência' está naturalizada. A mesma palavra é utilizada para referir-se a diversas situações e a diferentes significados, configurando-se um processo de generalização e homogeneização do fenômeno. Tem se destacado como um dos grandes temas de discussão do nosso cotidiano. Diariamente, os meios de comunicação apresentam um balanço da violência, com informações sobre as mais recentes vítimas de assaltos, crimes, conflitos, mortes e comportamentos diversos. (BONAMIGO, 2008).

Segundo Bonamigo (2008), reduzir o nome violência a todas as formas de violência é uma incoerência, pois ela acontece nos mais diversos tempos, espaços e contextos, é múltipla. "Querer engessar a expressão em uma definição fixa e simples significa reduzi-la e deixar de

compreender as singularidades que caracterizam diferentes povos, as transformações e especificidades históricas.” (BONAMIGO, 2008, p. 205).

Para quem testemunha ou vivencia situações de violência de qualquer ordem, associa-se com a apresentação de sintomas de sofrimento mental no decorrer da vida das pessoas (ASSIS *et al.*, 2009). As consequências insalubres para o desenvolvimento de jovens e adolescentes vítimas são inúmeras e podem delongar por toda a vida. Os resultados negativos podem ser no sentido: comportamentais, cognitivos, afetivos, físicos e/ou psicopatológicos (PELISOLI; PICCOLOTO, 2010). Como consequência, as crianças podem apresentar agitação psicomotora, dificuldade de concentração e de memória, isolamento, agressividade, abuso de substâncias, queda do rendimento escolar, comportamento hipersexualizado, sentimentos de vergonha, medo, tristeza, raiva etc.

Para entendermos um pouco mais sobre a perspectiva dos jovens e adolescentes, é necessário voltarmos nosso olhar para o meio que eles estão inseridos, e discorremos quanto ao modelo da Teoria Bioecológica de Bronferbenner. Este autor contribui à medida que aponta para a necessidade de se pensar no desenvolvimento humano como conduzido pela interação, mediada por processos proximais, em distintos contextos. No modelo bioecológico, os processos psicológicos passam a ser propriedades de sistemas, nos quais a pessoa é apenas um dos elementos, sendo o foco os processos e as interações (KOLLER; NARVAZ, 2018, p. 52).

Esta teoria enfatiza que os processos somente ocorrem através de interações em diversos níveis de diferentes sistemas.

> Segundo o modelo bioecológico, há uma constante interação entre os aspectos da natureza e o ambiente, onde os aspectos hereditários da pessoa influenciam e são influenciados pelo ambiente. O ser humano é visto como um ser ativo, capaz de modificar-se e modificar seu ambiente. (KOLLER; NARVAZ, 2018, p. 62).

E como um ser ativo, capaz de modificar-se e de modificar seu ambiente no sistema onde se encontra é que o ser humano está envolvido em uma interação sinérgica com quatro núcleos; o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. Nesse processo podemos destacar também acerca dos processos proximais como sendo um mecanismo responsável pelo desenvolvimento da pessoa. Assim, conforme vai se constituindo biopsicológicamente, com outras pessoas, com símbolos e objetos inseridos no contexto onde vive, o ser humano vai se firmando nas interações com o meio (KOLLER; NARVAZ, 2018, p. 63).

Visto como emaranhado a processos complexos de subjetivação e a forma e força com que distintas interações com distintos microssistemas determinam relações e formas de pensar, o *bullying* deixa de ser apenas um problema comportamental individual, e passa a se associar ao plano ético da experiência compartilhada. Seu enfrentamento, portanto, exige o desenvolvimento de lógicas de intervenção institucional.

A palavra *bullying* é de origem inglesa e não tem tradução no Brasil, o que se sabe que é utilizada para atribuir a comportamentos violentos também no contexto escolar. O termo identifica comportamentos como agressões, assédios e ações de desrespeito, recorrentes e intencionais por parte de quem agride. Tem como significado *bully*: indivíduo valentão, tirano, mandão. Correspondente a expressão *bullying*, tem-se como o conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, com intenção pelo agressor (SILVA, 2010).

São inúmeras as dificuldades encontradas por crianças vítimas de preconceito. Estas, que possuem ou não qualquer características diferentes das outras pessoas, que não se encaixam no padrão que a sociedade julga ser "normal". As que sofrem com os apelidos, comuns de quem sofre de *bullying*. Vai desde "rolha de poço", "azeitona no palito", "nanico", "quatro olhos", "barril", "mula manca", entre outros. Segundo Aquino (1998), palavras discriminatórias vivenciadas por um sujeito na escola ou comunidade em que vive conduzem a transtornos que podem mudar significativamente etapas importantes no seu desenvolvimento. De forma mais ampla, pretendemos apontar para a necessidade de que o enfrentamento destas práticas não esteja centrado na intervenção individual, que culpabiliza um dos polos da relação, como se a violência fosse atributo da natureza de um sujeito particular.

O papel da escola como mediadora

Para Piletti e Piletti (1996), a escola deve ser um mecanismo mediador entre instituição e comunidade que permita refletir para fora de seus muros os processos educacionais e chegue até a comunidade. É necessário que a comunidade também veja a escola como algo pertencente a eles, zelando por um "patrimônio" que é deles também.

> A educação, como prática que capacita o indivíduo a viver de forma autônoma e madura na sociedade, convivendo de igual para igual com seus semelhantes, precisa deixar de ser tratada como um serviço de segunda categoria, de importância subalterna, para tornar-se um setor prioritário, pois da seriedade que for tratado e

> dos recursos que dispuser dependerá, em grande parte a superação dos graves desafios enfrentados pelo nosso país. (PILETTI; PILETTI, 1996, p. 234).

Educadores podem mobilizar trabalhos coletivos pautados na perspectiva de que a dialogia e a produção de bons encontros pode contribuir para o crescimento e desenvolvimento das potencialidades de cada um neste contexto. Professores e alunos devem ser aliados, deixando para trás a situação em que o professor é o sujeito ativo, que tudo decide e determina, e o aluno como sujeito passivo que somente obedecem sem indagações, se limitando a sofrer a ação educativa. Devem caminhar lado a lado, na mesma direção; para a construção de um saber e, por consequência, por um mundo melhor (PILETTI; PILETTI, 1996).

Para que isto ocorra é necessário investimento nas formas de relação, em que potencializem a construção de conhecimentos locais, e que produzam "bons encontros", e que também incluam a voz dos alunos. Possibilita transformações nas relações éticas no contexto escolar. Para promover estes bons encontros é necessário que os sujeitos, uns diante dos outros, se percebam numa relação em que estejam afetados reciprocamente. Segundo Strappazzon e Maheirie (2016), tais relações não ocorrem desta forma se os sujeitos em diálogo não estão implicados. Cabe à equipe escolar, portanto, produzir experiências que permitam implicação e afecção mútuas perpassadas por espaços horizontalizados de relação e pela análise do sofrimento no coletivo.

Ainda para Strapazzon (2016), na filosofia espinosista, são nossos encontros que nos constituem, podendo aumentar nossa capacidade de agir, ou gerar tristeza, quando são pautados pela servidão ou pela tirania. O que Espinosa compreende por tirania e servidão, constitui os polos de uma relação desigual, na qual um dos atores demanda a submissão do outro a uma posição de transcendência, enquanto a capacidade de agir deste outro é limitada pela circunscrição das forma de pensar e sentir emaranhadas ao desejo alheio. Quando for um encontro que produza tristeza esse sujeito estará mais vulnerável a dominação e propenso a servir aos outros, diminuindo sua potência. Por outro lado, se este encontro puder produzir afetos como a alegria, ele terá aumento na potência em suas ações, encaminhando-o para que se livre de um possível condicionamento que o aprisione, possibilitando que desfrute de liberdade (STRAPPAZZON; MAHEIRIE, 2016, p. 117). O que Espinosa compreende por alegria é o efeito de um bom encontro, a possibilidade de que pensamentos e afetos novos emerjam quando as relações são experimentadas com reciprocidade. A capacidade de pensar de forma ativa, em

tal leitura, está intimamente relacionada a condição de sujeito criador, que ultrapassa as marcas dos maus encontros modificando o plano coletivo e relacional.

Dessa forma, conforme discorre Strappazzon e Maheirie (2016), um sujeito é na relação que estabelece com o outro e com ou com seu contexto a partir da forma como é afetado nessa relação, a qual produz aumento ou diminuição de seu grau de potência. Portanto, entendemos que é possível no contexto escolar a promoção de bons encontros, como alternativa ao enfrentamento do *bullying*, situando-o como questão a ser tratada no plano ético coletivo. A ética neste contexto remete ao que a Espinosa compreende por uma ética prática, e se define a partir das relações entre os modos de existência que se arranjam nos encontros entre os indivíduos que fazem parte desta comunidade escolar, bem como permite compreender a forma como cada um é afetado nesse encontro. Sendo assim, um bom encontro acontecerá quando dois corpos se compõem de tal forma que a partir de sua relação há um aumento de potência, e, por consequência, um aumento da capacidade de existir (STRAPPAZZON; MAHEIRIE, 2016).

A perspectiva em questão, vontada a uma ética dos encontros, permite compreender que a presença desses preconceitos e as discriminações vividas por estes sujeitos diferentes impedem-nos, muitas vezes, de viver plenamente não só seus direitos de cidadãos, como também vivenciar uma experiência atravessa pela compreensão das causas do sofrimento e ampliar a liberdade para rearranjar o próprio devir.

Intervir em prol da constituição de contextos relacionais voltados a bons encontros é fundamental no espaço escolar, pois, em geral, o abuso de poder, intimidação e arrogância são algumas das significações associadas ao Bullying. Ao ignorar tal problemática, emergem prejuizos significativos no processo aprendizagem dos alunos que se identificam à condição de servidão e são relegadas a experiência pautada pelas paixões tristes. Já a tirania, performatizada pelo agressor, também pode ser associada a uma forma de sofrimento, vivenciada a partir de uma posição distinta na relação dialógica que compõe as relações pautadas pela violência.

Sendo assim, os temas exclusão, desigualdades sociais, vítimas de uma sociedade opressora, entre outros, têm em nosso entendimento potência para ressignificar tais relações, e podem geram grande discussão. Muito pertinentes, no entanto, por ora, queremos apenas salientar a relação que há entre estes temas e o *bullying*.

Seguindo nesta linha de raciocínio, ao pensarmos na relação do ensinar e aprender nesse sistema em que nossas escolas estão integradas, podemos nos deparar com um ensino

ineficiente, competitiva entre desiguais, o aprendizado fica deveras longe do ideal, deixando de lado temas caros a formação humana:

> [...] podemos ser capazes de ensinar ou de aprender alguma coisa? Como alguém poderia aprender num mundo onde o controle se impõe sobre a vida, o singular é visto como ameaça e a diferença está presa ao mesmo e ao semelhante, ao análogo e ao oposto? Ninguém aprende deveras se não pode ser sede de um encontro com aquilo que o força a pensar. (KOHAN, 2002, p. 129).

Nesse sentido, um método de reprodução como este, em que o aprender é algo pronto, não é algo da vontade da curiosidade nem necessidade do aprendiz. Esse, por sua vez, não vai de encontro a aquilo que o sujeito quer, não será eficaz, porque não há a sede pelo aprender. Então, é preciso que haja mudanças para que possa se construir espaços éticos, em que a potência subjetiva de cada um seja construída de forma a respeitar e qualificar as experiências e necessidades individuais.

Desta forma, é preciso combater a violência nas escolas, trazer para discussões e debates a promoção de temas nos quais os sujeitos envolvidos possam relacionar-se de forma respeitosa e que estes tenham capacidade de se ver no semelhante. Assim, estes dispositivos podem ser fatores de transformação, em que a mudança poderá ser consequência na produção de uma relação entre teoria e prática, assim como entre sujeito e objeto.

Considerações finais

Falar de preconceito, violência e exclusão numa sociedade em que as pessoas vivem em condições desiguais não é uma tarefa muito fácil. Porque muitas são as formas pelas quais a violência se manifesta nas relações éticas e sociais, inclusive, no contexto escolar. Dessa forma, é competência dos profissionais envolvidos repensar, recriar e encontrar estratégias dentro dos seus espaços étnicos. Buscar potenciais em seus alunos para qualificá-los, dando poder de enfrentamento, transformando a escola como sendo um lugar de bons encontros para discussões e aperfeiçoamento das ideias.

Sendo assim, toda escola deve ser um mecanismo mediador entre escola-comunidade, não devendo desistir dos seus alunos. Constroem-se, assim, com os pais e lideranças comunitárias, processos educacionais de modo a se evolverem com todo o processo. Porque com esforços de todos é que conseguir-se-á, nesse contexto, homens que se firmem como sujeitos capazes de pensar, sentir e interagir, formando sua personalidade e se preparando

para o papel que lhe caberá desempenhar na sociedade. Assim, quem sabe, poderemos contribuir com uma sociedade mais igualitária.

À vista disso, é preciso combater a violência nas escolas trazendo para discussões e debates a promoção de temas em que os sujeitos envolvidos possam relacionar-se de forma respeitosa e que estes tenham capacidade de se ver no semelhante. Portanto, esses dispositivos podem ser fatores de transformação, em que a mudança poderá ser consequência na produção de uma relação entre teoria e prática, assim como entre sujeito e objeto.

Por conseguinte, a educação e a constituição de relações éticas são possíveis alternativas, mas precisamos do desenvolvimento e engajamento de toda rede que esteja disponível em outras instituições públicas, como: delegacias, conselhos tutelares, vara da infância e adolescente, entre outras. Porque as escolas não podem e não devem trabalhar sozinhas, devem trabalhar em conjunto, de modo a incluir também os alunos nesse processo de conscientização sobre as relações éticas e tudo que está envolvido nas formas de violências nestes espaços. Através dessa conscientização, estaremos ajudando nossos alunos a interiorizar valores humanos, aprender a aceitar as diferenças e a caminharem para um bem comum (KOLLER; NARVAZ, 2018).

Para tal fim, o que estamos propondo são metodologias coletivas, que favoreçam as discussões dentro de uma perspectiva de fragilização destes grupos hierarquizados, bem como, das divisões entre os saberes, fragmentando o cotidiano e fazendo com que se isolem estes profissionais. Pretendemos, então, potencializar a escola como espaço de proteção e produção de relações éticas.

Logo, para combater o *bullying* ou outras formas de violências, devemos promover uma base sólida na reciprocidade, alteridade, respeito aos jovens, em que esses possam estar em instituições justas, com e para outro. E que os desígnios do bem-viver e a promoção de bons encontros envolvam o sentido da justiça, e essa se encontre implicada na própria noção de outro. Porque na justiça não existe uma fórmula pronta, mas sim se depara com problema em formar uma ideia de igualdade proporcional que preserve as inevitáveis desigualdades da sociedade no quadro da ética, em que todos aprendem com a construção de uma sociedade ética, que tem como alicerce indivíduos éticos! E o caminho para isso perpassa pela escola!

Referências

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da Ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

ASSIS, S. G. de et al. Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 349-361, mar./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n2/a02v14n2.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018.

AQUINO, J. G. **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

BONAMIGO, I. Violências e contemporaneidade. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 204-213, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141449802008000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 nov. 2018.

CASADORE, M. M. Problemas escolares na atualidade: considerações sobre escola e ensino. **Psicologado**, out. 2009. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/problemas-escolares-na-atualidade-consideracoes-sobre-escola-e-ensino>. Acesso em: 25 nov. 2018.

FREITAS, M. F. Q. Desafios éticos na prática em comunidade: (des)encontros entre a pesquisa e a intervenção. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 10, n. 2, p. 242-253, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v10n2/02.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

KOHAN, W. O. Entre Deleuze e a Educação: notas para uma política do pensamento. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 123-130, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25922/15190>. Acesso em: 19 nov. 2018.

KOLLER, S.; NARVAZ, M. **Modelo Bioecológico de Desenvolvimento**. [s.l.: s.n.], 2018.

Material didático do Programa Jovem Aprendiz – ISBET, 2018.

PELISOLI, C.; PICCOLOTO, L. B. Prevenção do abuso sexual infantil: estratégias cognitivo-comportamentais na escola, na família e na comunidade. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 108-137, jun. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25922/15190>. Acesso em: 19 nov. 2018.

PILETTI, C.; PILETTI, N. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 1996.

RICOEUR, P. **Ética e moral**. Tradutor de António Campelo Amaral. Covilhã: [s.n.], 1990. Disponível em: <www.lusosofia.net>. Acesso em: 19 nov. 2018.

ROCHA, M. L. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1431/1124>. Acesso em: 20 nov. 2018.

_____. Psicologia e as práticas institucionais: a pesquisa-intervenção em movimento. **Psico**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 169-174, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a10.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas nas escolas**: bullying. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

STRAPPAZZON, A. L.; MAHEIRIE, K. "Bons encontros" como composições: experiências em um contexto comunitário. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 114-127, set. 2016.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In: CUNHA, J. L.; DANI, L. S. C. **Escola, conflitos e violências**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.